

O MAHĀBHĀRATA

JORGE BERTOLASO STELLA

(São Paulo)

1. "Per moltissimi il Mahābhārata (Mahabhārata) é ancora um mero nome che non si sa nemmeno pronunziare com retto accento. La colpa é degli indianisti che si chiudono in circoli ristretti, non concepiscono altro di serio che la Memoria scientifica da leggersi dagli specialisti, e transcurano il lavoro di divulgazione, il quale, sempre che é fatto bene e raggiunge il suo intento, non la cede in valore scientifico a qualunque indagine minuziosa, se pure non é questa infinitamente superiore quanto a utilità e pregio conclusivo"(1).

Incentivado assim pelos indianistas, profs. C. Formichi e V. Pisani, editores do **Mahābhārata** de Michele Kebaker, pensei em escrever êste artigo de caráter divulgativo para interessar certos estudiosos a fim de que voltem sua atenção para os monumentos literários, filosóficos e religiosos da Índia. É pena que entre nós não haja ainda um certo interêsse por estudo dessa natureza. Ignoro que haja em alguma Universidade um curso livre sequer da língua e literatura sânscrita. Nós que procuramos acompanhar as nações cultas, nesse terreno estamos em inferioridade. Por que não havemos de explorar a fundo o campo universal da cultura humana?

2. O sânscrito ou antigo indiano se distingue em dois períodos: o **védico** e o **sânscrito clássico**. O primeiro representa a língua em que foram escritos os **Veda, Brâhmana e Upanishad**. Êle foi se co Pânini e outros. É nesta língua, sânscrito clássico, que foi escrito, além de outras obras, o Mahābhārata.

3. O **Mahābhārata** compõe-se de 18 livros. O número 18 é sagrado entre os hindus. Nesta obra 18 são os dias da grande batalha, 18 são os exércitos que combatem, 18 são os cantos da Bhavad-Gitâ, considerada o núcleo central do poema, 18 são os Purâna, etc.

(1) Kerbaker M. — II **Mahābhārata** — Vol. II, Parte I, p. 61.933.

Os capítulos chamados **parvan** “seções (ou parvâni diferem entre si pela amplitude, contendo desde um máximo de 14.000 estrofes (XII) a um mínimo de 312 (XVIII)), colecionados em leituras (**adhyâya**) que variam, segundo os livros, de 3 a 300.

O livro XIX é um apêndice, suplemento (**khila**) e o seu título é **Harivamça**. Consta de 16.374 estrofes, em que são narradas, entre outras coisas, as façanhas ou as aventuras de Krishna, identificado com Vishnu (Hari). Está dividido em três seções (parvan): 1. **Hari-vamçararvan** (criação do mundo, história das estirpes solares e lunares); 2. **Vishuparvan** (biografia de Vishnu-Krishna); 3. **Bhavisyaparvan** (as futuras condições do mundo, a corrupção da idade presente, **Kali**, etc.).

4. Na maior das suas redações, o Mahâbhârata se compõe de 110.000 estrofes mais ou menos, proporção esta que nenhum outro poema da antiguidade ou dos tempos modernos alcançou. Êle compreende 8 vezes a *Ilíada* e a *Odisséia* colocadas juntas. Essas estrofes são quase tôdas de quatro octonários cada uma (**çloka**, metro épico por excelência).

Mais ou menos em 20.000 estrofes está contido o núcleo verdadeiro e próprio do poema, no qual se narra o grande conflito entre os primos Kuruidas e Pânduidas. Os primeiros são filhos de seu irmão Pându, todos êles são descendentes de Bharata, soberano da estirpe lunar, nascido do célebre rei Dusyanta e da Çakuntalâ. **Mahâbhârata** é pois o “grande (mahâ) poema dos Bhârata”, a “grande (narrativa da guerra) dos Bhârata”.

“Kuruksetra” era chamada a terra do seu domínio, no qual se desenvolveu o conflito fratricida, região essa situada ao sul da Saravasti e o ocidente do Doab, entre Delhi (antiga Indraprastha) e Muttra.

5. Com o passar dos séculos, grande quantidade de matéria do gênero mais variado possível foi se agregando ao núcleo principal do poema, aumentando assim o volume da obra, tornando-se uma verdadeira enciclopédia do pensamento indiano.

Encontram-se nêle genealogias de semideuses e de heróis de estirpe divina; descrição das moradas celestes, mitos e episódios das mais diversas espécies (Indra, Agni, etc.); descrições de grandiosos fatos de guerras célebres (Dusyanta, Yayâtî, Çântanu, Râma); milagres de santos; histórias comovedoras e narrativas edificantes de amor materno e fidelidade conjugal (Kuntî, Nala e Damayantî, Sâvitri, etc.) ou de heróico altruísmo (Ucênara ou Çibi); parábolas, novelas morais; cosmogonias e teogonias; longas exposições filo-

sóficas (livros III, VI, XI), que culminam na Bhagavad-Gîta o “Canto do Bem-aventurado”.

De tal matéria, estranha ao núcleo fundamental da obra, que contém muitas estórias e intermináveis ampliações, mas também se encontram gemas fulgidíssimas, se trata no **Mahâbhârata** próprio, o qual no seu início (I, 1, 101, 103) diz que ela foi recitada pelo seu autor em forma difusa e compendiosa, para satisfazer aos doutos que uma e outra forma apreciam; em 100.000 estrofes, isto é, com os episódios e em 24.000 sem episódios (**Mahâbhârata**) portanto no primeiro caso, **Bhârata** no segundo) em origem porém se constituía de sòmente 8.800 estrofes(1).

Em face do **Mahâbhârata**, de dimensões menores é o outro grande poema indiano, o **Râmâyana** com suas 24.000 estrofes, de proporções modestíssimas é a **Íliada** com 15.693 exâmetros e a **Eneida** com seus 9.868(2).

6. Há duas redações do **Mahâbhârata**. Uma chamada setentrional (C) que foi editada pela primeira vez em Calcutá, em 1834-1839, com o apêndice **Harivamça** e mais vêzes em Bombaim, 1862, com o comentário de Nîlakantha; a outra é chamada redação meridional (B), que difere da primeira por variantes, principalmentē nas partes principais, por diversas disposições e divisões dos parvan de conteúdo e por ser mais breve daquela um décimo. Sob a direção da V. S. Sukthankar e por intermédio do **Bhandarkar Oriental Research Institute** de Poona, publicou-se a edição crítica do Mahâbhârata, há muito tempo esperada.

O **Mahâbhârata** é o maior poema épico do mundo, como foi dito. Nenhum poeta por fecundo que fôsse, teria podido compor 200.000 versos. Não há dúvida pois que o Mahâbhârata não é fruto de um só bardo, mas de inteiras gerações de bardos. Os autores do livro são anônimos, ignorados, como também de outras obras indianas filosóficas e literárias. Durante mais ou menos seis séculos êsets bardos, sucedendo-se um ao outro, cantaram os feitos dos Bhârata, uma ilustre estirpe de príncipes condenados pela fatalidade a matar-se entre primos se não entre irmãos(1).

7. A tradição ou a lenda atribue a autoria de Mahâbhârata a Krishna Dvaipâyana (oriundo da ilha) Vyâsa, filho de Satyavatî e do asceta Parâçara. Não é só isto, a êle se atribue também os Veda, os Purâna. Não há dúvida que o autor da obra devia ter

(1) Ballini e Vallauri, *Lineamenti d'una storia delle lingue della India*, Roma, 1943, p. 73, 74.

(2) Pavolino P. E. — *Mahâbhârata*, Firenze, 1923, p. VII.

(1) Formichi e Pisani, *Mahâbhârata* de Kerbaker, V. I, p. 5

sido poeta, homem de ação, um brahmane, provavelmente um **vânaprastha** "habitante da selva", um indivíduo que pertencia à linhagem dos Braguidi(2).

8. Com poucas exceções, os indianistas estão de acôrdo em reconhecer no Mahâbhârata uma obra de vários períodos. Porém quando se trata de reconhecer a forma primitiva do poema, de explicar o como e o porquê dos acréscimos, das interpolações, etc., os críticos não estão de acôrdo entre si. Holtzmann desde 1846 punha em relêvo esta circunstância: enquanto Yudhisthira e seus irmãos são representados no poema como modelo de Justiça e de Virtude e não conseguem realmente a vitória senão por contínuas trapaças, deslealdades e iniquidades, os vituperados filhos de Dhrtarastra combatem sempre honrada e lealmente e só sucumbem pela perfídia dos adversários e especialmente do conselheiro dêles Krishna. Na opinião de A. Holtzmann o poema originário celebrava ao contrário, a virtude e a honestidade dos Kuruidas e vituperava os Pânduidas como iníquos usurpadores; porém em um dado momento o poema é submetido a uma revisão que modificou irremediavelmente o organismo e o caráter; os Pânduidas foram postos na melhor posição possível e os Kuidas foram pintados com côres cruéis. Esta tese foi seguida por indianistas como Lassen e Von Schroeder, foi também reafirmada com novos argumentos por Holtzmann Júnior, 1881, 1892, 1893.

Não se pode negar, diz Pavolini (1) que muitas atitudes dos Pânduidas possam parecer iníquas. Só para dar alguns exemplos, êles aproveitam o voto feito por Bhîsma de não combater contra Çikhandin, para atacar impunemente e traspassar com milhares de dardos aquêlo nobre herói; Yayadratha é morto por Arjuna graças a uma astúcia de Krishna; Ghatotkaca é sacrificado para salvar Arjuna do dardo inflamável de Karna; com cruel engano gritam: "Açvatthâman morreu" e aquêlo grito Drona, vencido pela dor, deixa cair as armas e é iniquamente decapitado pelo dardo curvo de Dhrestadyumma; contra tôda a boa regra de guerra, Karna é morto pelos dardos de Arjuna, enquanto descendo do carro, procurava levantar uma roda presa ao lodo; na luta decisiva entre Duryodhana e Bhîsma, ambos valorosos no manejo da clava, êste quebra as pernas do adversário, sendo que a regra do combate proibia ferir com a clava abaixo do umbigo. Mas os Kuruidas também têm os seus defeitos, lançados em rosto a Karna por Arjuna; a mortandade noturna é realizada com perfidia, como a reconhece o justo Krapa.

(2) Pisani, *Storia delle letterature antiche della India*, Milano, 1954, p. 47, 130.

(1) Pavolino P.E. — *Il Mahâbhârata*, Firenze, 1923, p. XVIII-XX.

Holtzmann senior supunha que a reelaboração fôsse devida aos brahmanes, desejosos de agradar aos reinantes sucessores dos Pânduidas e constringidos a alterar a narrativa primitiva, na qual Krishna aparecia como um simples mortal, depois que foi divinizado e adorado como encarnação de Vishnu. Holtzmann senior supõe que o primeiro redator do **Mahâbhârata** tivesse sido um budista, que viveu entre 250-200 A.C.; êle escolheu de preferência os personagens do Duryodhana e Karna, concedeu a Çiva (pelas suas relações com a demologia budista) o predomínio sôbre as outras criaturas; Krishna foi ainda simplesmente o rude libertino rei pastor. Quando começou a grande luta entre o budismo e o brahmanismo, os brahmanes, no interêsse da sua seita, refundiram o Mahâbhârata, no qual os Pânduidas eram exaltados e os Kuidas aviltados, Vishnu-Krishna representado como Deus supremo, uma quantidade de episódios enseridos, como diz Pavolini, **ad majorem brahmanorum gloriam**. Finalmente, depois que o budismo foi lançado fora da Índia e a literatura das antigas lendas ou **purâna** estavam em pleno florescimento, o poema foi submetido a uma segunda e definitiva elaboração que o autor chama justamente purânica: Çiva não desfigurou nesse lado a Vishnu por quem entretanto, por Krishna, sua encarnação e pelos Pânduidas seus protegidos, cresceu desmesuradamente a predileção; copiosíssimos foram os acréscimos didáticos e o poema assim ampliado e transformado foi atribuído à paternidade de Vyâsa. Dahlmann afirma que o **Mahâbhârata** existia na forma em que o possuíamos, já desde o quinto século antes de Cristo; não sômente isto, mas foi composto por um só e grande poeta com o propósito deliberado de criar uma obra que fôsse poema e código (**dharmashastra**) ao mesmo tempo. Assim não se deve falar nem em restituição, nem em acréscimos ou interpolações. As partes épicas e as partes didáticas são de propósito e indispensavelmente unidas, aquelas para ilustração e exemplificação destas; a idéia fundamental do poema é a representação da luta entre a justiça e o Dharma personificado em Yudhishthira e a iniqüidade, Adharma, personificada em Duryodhana.

Num trabalho largo e excelente, o prof. Pisani (1) criticando as teorias de Holtzmann, Winternitz e outros, diz que os críticos ocidentais querem medir o **Mahâbhârata** com o metro épico, dado pelos literatos que procuravam as regras de estudos dos poemas ocidentais e vendo que as medidas não correspondiam, sentenciaram que o **Mahâbhârata** não se enquadra nos cânones sagrados da literatura e é por isso um "monstro literário" (2). O prof. Pisani é favorável

(1) Pisani, *Mahâbhârata*, Torino, 1954 — p. 45, 46, 47.

(2) Pisani, *Storia delle letterature della India*, Milano, 1954, p. 128.

à unidade do poema e entende que não se deve aplicar a êle os métodos empregados por A. A. Wolf e Lachmann na célebre questão dos poemas homéricos (3).

Segundo Bühler, o **Mahâbhârata** já devia ter existido lá pelo ano 500 da era cristã, época em que êle aparece conhecido. Por outro lado, o poema conhece não sòmente **Yavana** (Gregos) e **Pahlava** (Partos), o qual nos conduziria já depois de 250 a.C., mas também os **Cina** ou Chineses, os **Tukhâra** ou Tocarios, os **Huna** ou Hunos, os **Romaka** ou Romanos, os **Çaka** ou Scitas; S. Lévi, precedido por Weber, julgou reconhecer no nome **Kaserumant** o nome do Césares de Roma. Como quer que seja, diz Pasani (1), **Cina**, **Tukhâra**, **Huna**, **Çaka** e especialmente **Romaka**, não podiam ser conhecidos antes da era vulgar. E se traços do cristianismo se encontram tanto na Bhagavad-Gîtâ como em outras partes do poema, por exemplo no famoso episódio do **Çvetadvîpâ** (residência dos bem-aventurados), isto nos remete ao mesmo **terminus, post quem**, o início da era vulgar. É opinião do prof. Pisani que tomando em consideração os têrmos **ante** e **post**, o Mahâbhârata apareceu entre o segundo e o quarto século depois de Cristo.

9. Não é possível, dado o espaço, apresentar ainda que fôsse um esboço as narrativas atraentes do Mahâbhârata. Dentre as muitas destacam-se a história de Çakuntalâ; as palavras pungentes de Kuntî ao abandonar a cesta com o filho Karna às ondas da Açvanadi; a triste narrativa de Yudhishthira, jogando e perdendo tudo, incluída a espôsa Darapadi, devendo, com os irmãos, ser banido por 12 anos nas florestas; exilado, o asceta Brhadçva, narra, para confôrto, a história de Nala e da sua espôsa Damayanti; a fidelidade de Sâvitri, que consegue a ressurreição do espôso Satyavat. Porém um poema maravilhoso de que vamos tratar, pela sua importância, é a Bhagavad-Gîtâ.

A **Bhagavad-Gîtâ** é Evangelho do Krsnaismo, poema filosófico com 18 cantos e possui cêrca de 700 estrofes. Êsse poema é considerado a Bíblia do Hinduísmo. **Bhagavad-Gîtâ** significa "Canto do Bem-aventurado". Está traduzido em muitas línguas e foi o primeiro trabalho indiano conhecido na Europa. Nessa obra, Krshisna exorta a Arjuna a cumprir seu dever, combater sem temor os primos Kuruidas, certo de que não os corpos, mas as almas são imortais e assim podem ser mortos em batalha. É o núcleo do **Mahâbhârata** (1).

10. O **Mahâbhârata** é quase "a quinta-essência do mundo

(3) Pisani, *La questione americana*, Torino, 1893.

(1) Pisani, *Mahâbhârata*, Torino, 1954, p. 65, 56.

(1) A tradução do sânscrito da Bhagavad-Gîtâ está no prelo.

indiano”, livro nacional, moral, religioso por excelência, a propósito do qual uma estrofe (l. 2,285) reza: “que o brahmane, que conhece os quatro **Veda** com as suas ciências auxiliares e com as **Upanishad**, mas não conhece esta narrativa, não pode ser sábio”. Ele é também uma enciclopédia filosófica religiosa e jurídica, uma soma da ciência sagrada e profana e é sobretudo um livro sagrado **sui generis** que substituindo sem abolir, pelo menos formalmente, as obras canônicas do brahmanismo, constitui para o Hinduísmo o seu texto fundamental.

É impossível apresentar dados detalhados para mostrar o valor do **Mahâbhârata** sob seus vários aspectos. Damos alguns versos: “Este é um livro sagrado de moral (dharma)”; “este é o melhor manual da vida prática (artha) e também como livro de salvação (moksa) foi composto pelo infinitamente sábio Vyâsa”. “Todo pecado quer seja cometido em ato, quer em pensamento ou palavras, se aparta imediatamente do homem que executa esta poesia”.

O **Mahâbhârata** é um manual que abrange tudo, quer reunir em si tôda a poesia, todo o conhecimento da antiguidade, tôda a sabedoria. Assim diz (l. 307): “Não há nada sôbre a terra que não se baseie nesta narrativa, assim como ninguém se sustém sem alimento”. (2). O **Mahâbhârata** é para os hindus o livro dos livros.

BIBLIOGRAFIA

1. Kerbaker — **Mahâbhârata**, Roma, 1933-1939
2. Pisani — **Mahâbhârata**, Torino, 1954
3. Pavolini — **Mahâbhârata**, Firenze, 1923
4. — **Mahâbhârata**, texto crítico, Paona, 1927-1953
5. Fouche — **Le Maha-Bharata**, Paris, 1864-1870
6. Ballini, Vallauri — **Storia delle lingue e literatura indiana**, Roma, 1943
7. Canedo, — **Literatura Sânscrita**, Madrid, 1942
8. Pisani — **Storia della litteratura delle India**, Milano, 1934
9. Henry — **Les literatures de l'Inde**, Paris, 1904
10. Barth — **Quarante ans d'Indianisme**, Tm. 4, Paris, 1918.

(2) Canedo — **Resumen de Literatura Sânscrita**, Madrid, 1942, p. 69.